



**Guerra fria em charges: Gazeta de Leopoldina  
(1951)<sup>18</sup>**

*Cold war in comics: Gazeta de Leopoldina  
(1951)*

*Guerra fría en tebeos: Gazeta de Leopoldina  
(1951)*

*Natania Aparecida da Silva Nogueira<sup>19</sup>*

---

<sup>18</sup> Recebido em 28/03/2021, versão aprovada em 28/04/2021.

<sup>19</sup> Mestra em História pela Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, RJ (2015), aluna do programa de pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, admitida para o Doutorado no primeiro semestre de 2018. Membro da ASPAS. LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/7390818109682435>. ORCID ID: 0000-0003-3765-7420. E-mail: <nogueira.natania@gmail.com>.

## RESUMO

Nesse trabalho fez-se uma análise do discurso contido no periódico “A Gazeta de Leopoldina”, jornal do município de Leopoldina em Minas Gerais. O período analisado corresponde ao ano de 1951, quando o jornal publicou uma série de charges sobre a Guerra da Coreia, com viés anticomunista. O objetivo é demonstrar como o jornal pode ser utilizado, tanto como fonte de pesquisa, quanto como recurso didático para se estudar determinados períodos da história. Metodologicamente, optou-se pela análise do conteúdo a fim de identificar a orientação ideológica do periódico. Buscou-se conceitualizar a charge, como arte gráfica e meio de expressão, inserindo-a nos campos da política e da ideologia. Em seguida, foram apresentados, exemplos de como ela foi utilizada como forma de propaganda comunista e anticomunista ao longo do século XX. Por fim, partiu-se para o foco principal do estudo, que é a análise das charges publicadas, com a preocupação de se apresentar tanto o contexto histórico geral, quanto efetuar uma análise do conteúdo publicado neste periódico, aliado aos interesses dos grupos aos quais ele atendia.

**PALAVRAS-CHAVES:** Periódico jornalístico. Guerra da Coreia. Charges. Guerra fria.

## ABSTRACT

In this work, an analysis was made of the speech contained in the journal “A Gazeta de Leopoldina”, a newspaper in the municipality of Leopoldina in Minas Gerais. The period analyzed corresponds to the year 1951, when the newspaper published a series of comics about the Korean War, with an anti-communist bias. The objective is to demonstrate how the newspaper can be used, both as a research source and as a didactic resource to study certain periods in history. Methodologically, it was chosen to analyze the content in order to identify the ideological orientation of the journal. We tried to conceptualize the cartoon, as graphic art and as a means of expression, inserting it in the fields of politics and ideology. Then, examples of how it was used as a form of communist and anti-communist propaganda throughout the 20th century were presented. Finally, the main focus of the study was taken, which is the analysis of the published cartoons, with the concern of presenting both the general historical context, as well as carrying out an analysis of the content published in this periodical, allied to the interests of the groups to which he answered.

**KEYWORDS:** Journalistic periodical. Korean War. Cartoon. Comics. Cold War.

## RESUMEN

En este trabajo se analizó el discurso contenido en la “A Gazeta de Leopoldina”, periódico del municipio de Leopoldina en Minas Gerais. El período analizado corresponde al año 1951, cuando el periódico publicó una serie de viñetas sobre la Guerra de Corea, con un sesgo anticomunista. El objetivo es demostrar cómo se puede utilizar el periódico, tanto como fuente de investigación como recurso didáctico para estudiar determinados períodos de la historia. Metodológicamente, se optó por analizar el contenido con el fin de identificar la orientación ideológica de la revista. Intentamos conceptualizar la caricatura, como arte gráfico y medio de expresión, insertándola en los campos de la política y la ideología. Luego, se presentaron ejemplos de cómo se utilizó como forma de propaganda comunista y anticomunista a lo largo del siglo XX. Finalmente, se tomó el eje principal del estudio, que es el análisis de las caricaturas publicadas, con la preocupación de presentar tanto el contexto histórico general, como de realizar un análisis del contenido publicado en esta revista, aliado a los intereses de los grupos a los que respondió.

**PALABRAS-CLAVE:** Periódico. Guerra Coreana. Caricatura. Comunismo. Guerra Fría.

## 1 INTRODUÇÃO

A imprensa periódica, desde o seu surgimento, destacou-se como um meio de comunicação a partir do qual foi possível, promover uma maior circulação de notícias, dando início a um processo gradual de democratização da informação, rompendo com um longo silêncio imposto por instituições como a Igreja e o Estado. Não que a censura tenha desaparecido por completo, mas a imprensa, mesmo com todas as suas limitações, permitiu que o debate político ganhasse novas direções e um espaço heterogêneo.

O jornal, pela sua periodicidade e por se tornar um meio de comunicação mais acessível ao grande público, foi, no decorrer da sua história e, em especial durante o século XX, um espaço privilegiado do debate político, polarizando tendências e assumindo posições ideológicas. Para Orlandi (2007) todo discurso possui uma ideologia. Sendo assim, os jornais, como meios de comunicação, são espaços nos quais as ideologias encontram eco nos discursos e posições políticas, tomadas por seus donos e editores. Eles podem, portanto, nos auxiliar a entender melhor ideias, ações e representações que marcaram uma determinada época.

É preciso desde já, esclarecer o que se entende aqui por ideologia, para que se torne mais claro o objetivo da presente investigação. Segundo o Dicionário de Ciências Sociais, “ideologia é um conjunto de convicções e conceitos (concretos e normativos) que pretende explicar fenômenos sociais complexos com o objetivo de orientar e simplificar as escolhas sociopolíticas que se apresentam a indivíduos e grupos” (DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 1987, p. 507). Usaremos aqui o conceito de Ideologia de Gramsci, no qual a ideologia não é colocada como um instrumento por meio do qual se entende a realidade, mas como uma série de princípios morais que orientam as ações e práticas coletivas e individuais (GRAMSCI, 2001, p. 28). Neste sentido, a ideologia se evidencia principalmente no campo intelectual e cultural, estando ela presente nos discursos, nas manifestações artísticas e claro, na política.

No presente trabalho, faz-se uma análise do discurso contido no periódico A Gazeta de Leopoldina, jornal do pequeno município de Leopoldina, localizado na Zona da Mata de Minas Gerais. O período analisado corresponde ao ano de 1951, quando o jornal publicou uma série de charges sobre a Guerra da Coreia, todas com viés anticomunista. O objetivo é demonstrar como o jornal pode ser utilizado, tanto como fonte de pesquisa, quanto como recurso didático para se estudar determinados períodos da história, tanto no âmbito geral quanto regional.

Para que o presente artigo possa ser explorado tanto como obra acadêmica quanto por professores da educação básica, procurou-se partir de uma organização didática do conteúdo, dividindo-o em três partes. Num primeiro momento buscou-se conceitualizar a charge, como arte gráfica e meio de expressão, inserindo-a nos campos da política e da ideologia. Em seguida, foram apresentados, exemplos de como ela foi utilizada como forma de propaganda comunista e anticomunista ao longo do século XX. Por fim, partiu-se para o foco principal do estudo, que é a análise das charges publicadas na Gazeta de Leopoldina no ano 1951, com a preocupação de se apresentar tanto o contexto histórico geral, quanto efetuar uma análise do conteúdo publicado neste periódico, aliado aos interesses dos grupos aos quais ele atendia.

## 2 A CHARGE COMO INSTRUMENTO POLÍTICO

Inicialmente, é preciso esclarecer ao leitor o que são charges e definir como elas serão tratadas ao longo do artigo. Herman Lima, autor da coleção “História da Caricatura no Brasil”, publicada 1963, uma das principais e mais completas obras sobre caricaturas e charges produzidas no Brasil no século XX, não nos apresenta uma diferenciação clara entre charge e caricatura. Em seu capítulo introdutório, Herman Lima usa genericamente o termo caricatura para toda a arte gráfica publicada no Brasil até a década de 1960, apontando suas principais características e contextualizando seu surgimento.

Herman Lima cita inicialmente o trabalho pioneiro do Capitão Francis Grose, *Rules for drawing caricatures with na Essay on Comic Painting*, publicado na Inglaterra em 1788. Este autor considera a caricatura como um meio de denunciar ao grande público, aqueles que, de alguma forma, ultrajam a dignidade alheia (LIMA, 1963, p. 5). A caricatura aparece como um elemento importante para se denunciar crimes, que mesmo não sendo penalizados pelos meios legais, não podem escapar do julgamento do povo, ou seja, da opinião pública.

A este respeito, preciso destacar que os meios de comunicação funcionam como instrumentos de formação de opinião. A opinião pública surge do julgamento coletivo, a partir de informações que são socializadas, a princípio oralmente, onde, a partir de notícias e boatos que passam a circular em dada comunidade. Com a imprensa, esta circulação foi ganhando proporções cada vez maiores ao ponto que, atualmente, pode-se falar de uma opinião pública mundial que ora converge, ora diverge.

No Brasil, podemos relacionar o surgimento da imprensa periódica com a chegada da família real em 1808, com o crescimento dos debates políticos e da importância da opinião pública. Segundo Lúcia M. Bastos Pereira das Neves, com a introdução da imprensa no Brasil, a opinião pública passou a ter uma importância cada vez maior no decorrer do século XIX e os jornais passaram a valorizar o interesse dos leitores nos acontecimentos (NEVES, 2014, p. 183). Pode-se afirmar que o surgimento e crescimento dos órgãos de imprensa no Brasil possibilitaram que grupos antes excluídos politicamente pudessem ocupar um pequeno papel dentro do debate político nacional, entendendo que política se refere, em primeiro lugar, a tudo que se relaciona a coisa pública.

Como um veículo de informação de massas, os periódicos levam ao grande público uma pluralidade de discursos que acabam assumindo uma função pedagógica, formadora. E o jornalismo ilustrado teve e ainda tem um papel importante tanto na formação política do brasileiro quanto como fonte de estudo da História Política no Brasil” (NOGUEIRA, 2016, p. 205-222).

Herman Lima defende a caricatura como “arma das mais poderosas da imprensa, pela universidade de seu alcance” dando “alta significação como arte autêntica, não só na análise de costumes políticos e sociais, como na fixação de elementos subsidiários da História e da Sociologia (LIMA, 1963, p. 5). O autor, por diversas vezes, reforça esta afirmação baseando-se não apenas em suas próprias considerações, mas em estudos anteriores, como os de R. Gerald Mc Murtry, da Lincoln Memorial University, que, na década de 1950, defendia o uso da caricatura pelos historiadores e estudantes para se entender o desenvolvimento político e social dos Estados Unidos (LIMA, 1963, p. 9).

Herman Lima nos introduz a um conceito de caricatura no qual a arte é usada como uma forma de refletir sobre a realidade. O ridículo é visto como um meio de denúncia, por meio do humor, de aspectos da política e da sociedade e, também, como uma forma de memória social, de registro histórico. O autor também destaca o fato de que a caricatura/charge não tem necessariamente que ser engraçada, mas sim, impactante. Aliás, esta é a principal característica das charges que iremos analisar mais adiante.

Mas existe uma diferença entre caricatura e charge? Segundo Nobu Chinen a charge pode ser usada para satirizar uma situação ou uma pessoa e normalmente ela possui uma função política. Assim a charge tende a ser política enquanto a caricatura não necessariamente o é. Vejamos a distinção que o autor faz entre charge e caricatura.

Charge política - A palavra charge vem do francês e significa carga, pois tem justamente a função de exercer uma crítica a uma determinada personalidade, acontecimento ou situação política, econômica ou social. Só pode ser

compreendida dentro de um determinado contexto e por isso tende a se tornar datada.

Caricatura - O termo vem do verbo italiano *caricare*, que significa carregar, ou seja, exagerar o traço. Cria-se o efeito do humor ao se ressaltar alguma característica marcante da fisionomia do caricaturado, normalmente uma personalidade conhecida o suficiente para que as pessoas a reconheçam (CHINEN, 2011, p. 9).

A charge política exige de seu autor um poder de comunicação e síntese que não encontramos com a mesma intensidade em outras artes gráficas. Seu autor precisa, em uma só imagem passar uma mensagem específica. O receptor deve ser capaz de reconhecer não apenas os personagens, mas, principalmente, a situação nela descrita. Caso isso não ocorra, a charge não cumpre seu papel, que muitas vezes consiste em veicular uma denúncia ou um alerta.

A arte da caricatura é talvez uma das mais difíceis de serem realizadas. Porque exige muita síntese, em primeiro lugar: de traços, por causa do impacto visual que deve provocar; de significado, porque necessariamente claro e inequívoco, para que a mensagem passe a todos os leitores do jornal. Superados esses dois obstáculos, porém, é fundamental a nação permanecer a reboque dos fatos – sobretudo quando se escolhe por tema a política internacional. Ninguém gosta de pão amanhecido, e em charges políticas é mais do que nunca necessário ir ao forno das ideias para a comunicação com o leitor rápido, celeremente (BELMONTE, 1982, p. III).

Outra característica da caricatura e que pode ou não estar presente na charge, é o uso do grotesco como recurso para aumentar o efeito cômico da imagem satirizada. O grotesco é tanto usado para chocar quanto para fazer rir a partir do exagero. De acordo com Barbieri (2017, p. 67),

Mais do que o cômico, aquilo que caracteriza a caricatura é o *grotesco*, e o grotesco pode, por sua vez ser utilizado para diversos fins expressivos: situações humorísticas, situações marginalmente irônicas, situações de pesadelo, de alucinação, exageros expressivos.

Em obra mais recente, Rodrigo Patto Sá Motta, em *Jango e o golpe de 1964 na Caricatura*, publicado em 2006, segue a linha de Herman Lima e adota a denominação caricatura para as charges. Segundo o pesquisador,

As expressões “caricatura” e “charge” são, com frequência, utilizadas indistintamente, e nesta área não há definições canônicas. De acordo com uma das muitas propostas de distinção, a primeira retrataria figuras humanas conhecidas, enquanto a especialidade da charge seria de abordar fatos ou acontecimentos específicos (MOTTA, 2006, p. 15).

Motta optou por usar o termo caricatura por ser um termo mais genérico e devido ao fato de que, para sua pesquisa, ele utilizou imagens que traziam personalidades da época, cujas representações imagéticas foram exageradas e apresentadas, em geral, de forma cômica.

No caso do presente estudo, optamos pelo uso da expressão charge uma vez que as imagens que foram publicadas na Gazeta de Leopoldina trazem representações de situações e não destacam, em sua maioria, personagens, mas sim situações. Por outro lado, a intenção dessas publicações envolve muito mais alertar e doutrinar do que necessariamente fazer rir, embora o termo caricatura possa surgir em citações de autores que, como Herman e Patto, optaram por usá-lo também em relação às charges.

### **3 O USO DAS ARTES GRÁFICAS COMO INSTRUMENTO DE PROPAGANDA IDEOLÓGICA**

Após a II Guerra Mundial a tão sonhada paz entre as nações ainda estava longe de ser alcançada. A população dos países envolvidos no conflito ainda convivia com as consequências da guerra: campos e indústria estagnados ou destruídos e restos mortais de civis e combatentes que ainda emergindo em meio a destroços. Com a memória da guerra ainda viva, o mundo mergulhava, dois anos depois, em uma nova ordem mundial marcada pela Guerra Fria, conflito que se estabeleceu entre Estados Unidos e a União Soviética, provocando uma polarização ideológica até então nunca vista.

Um conflito não armado que, segundo Erick Hobsbawn, teve um severo impacto sobre toda a população global, principalmente nos mais jovens, que cresceram em uma época de profunda incerteza com relação ao futuro.

Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, poderiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. Na verdade, mesmo os que não acreditavam que qualquer um dos dois lados pretendia atacar o outro achavam difícil não ser pessimistas, pois a Lei de Murphy é uma das mais poderosas generalizações sobre as questões humanas (“Se algo pode dar errado, mais cedo ou mais tarde vai dar”) (HOBSBAWAN, 1995, p. 224).

Nesta guerra, profundamente ideológica, o uso dos meios de comunicação foi explorado ao máximo. Pode-se dizer que os meios de comunicação, tanto de um lado quanto de outro, tornaram-se um segundo campo de batalha, no qual o grande objetivo era controlar a opinião pública, na maioria das vezes através do medo. Segundo Jean-Jacques Becker, A opinião pública é fortemente influenciada tanto pelo “estado das mentalidades” quanto pelo

contexto (BECKER, 1996, p. 188). Este estado de mentalidade foi sendo construído a partir de uma base já existente, que era o medo de uma revolução comunista mundial, colocado de lado durante a Segunda Guerra Mundial e reanimado pouco antes de seu término.

Nos Estados Unidos, no final da década de 1940, os nazistas deixaram de ser os vilões para serem substituídos pelos soviéticos. Nas mídias dos países capitalistas aliados aos Estados Unidos (jornais, revistas, o rádio e, agora, também a televisão), abundava material antissoviético e anticomunista como nunca visto. Da mesma forma a União Soviética investiu em propaganda anticapitalista, na qual os Estados Unidos emergiam como os vilões. Charges e quadrinhos foram instrumentos da imprensa ilustrada para divulgar os ideais dos dois blocos.

Um exemplo do uso dos quadrinhos como propaganda durante a Guerra Fria foi a reformulação do personagem Capitão América, criado em 1941 para lutar contra nazistas, que, a partir de 1954, torna-se um dos maiores inimigos dos soviéticos (Figura 1). Em suas aventuras, o personagem passou a perseguir agentes soviéticos infiltrados nos Estados Unidos, convertendo-se de um herói de guerra em um agente de contraespionagem.

**Figura 1** - Capa da Revista em quadrinhos do Capitão América, n. 78, de setembro de 1954.



**Fonte:** DOMINGUES, Joelma. A propaganda capitalista e anticomunista. 2019. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/propaganda-ideologica-da-guerra-fria/>.

Ao analisar uma das histórias em quadrinhos (HQs) da revista do Capitão América n. 76, de maio de 1954, cuja temática central era a espionagem soviética nos Estados Unidos com a temática anticomunista, o pesquisador Rodrigo Pedroso concluiu que:

A HQ apresenta uma visão parcial do problema e contribui para a criação de um imaginário de insegurança e desconfiança, no qual qualquer pessoa pode ser um espião em potencial, não se pode confiar em colegas de trabalho ou em seus patrões. Ao mesmo tempo a HQ pode ser vista como um meio que procura desencorajar possíveis ações de espiões ao mostrar que este tipo de crime será punido e que os EUA – na figura do Capitão América – não terão nenhum tipo de problema em usar de métodos violentos para isso. De maneira geral, é essa a mensagem que a HQ busca passar sobre os espiões, por mais que se escondam em algum momento, eles serão descobertos e não haverá perdão para seus atos (PEDROSO, 2014, p. 10).

O uso das artes gráficas, como nos quadrinhos e, em especial, da charge para fins de propaganda política, não era uma novidade. A própria URSS já usava esse recurso desde os primeiros anos da implantação do regime socialista para fins político-ideológicos. Tomemos como exemplo as charges anticlericais produzidas na URSS logo após a Revolução Russa e que abundaram a partir da década de 1920.

O principal documento que definiu estratégias do Partido Comunista para a religião após a Revolução de Outubro foi o Novo Programa do Partido, aceito em 1919 no 8º Congresso do Partido Comunista, que oficialmente reivindicou a doutrina comunista como a principal ideologia do Estado (LUCHSHEV, 2010, p. 02, tradução nossa).

Mesmo com as garantias de liberdade de consciência, o programa soviético se dispunha a romper com todas as ligações entre as classes exploradas e as organizações religiosas. Em resumo, combateu-se a propaganda religiosa com propaganda antirreligiosa. Para tanto, foram convocados inúmeros artistas gráficos para produzirem postais, na forma de charges, a serem distribuídos em espaços públicos, como ruas e praças, quartéis, fábricas, enfim, qualquer local onde houvesse concentração de pessoas e a propaganda pudesse circular (LUCHSHEV, 2010, p. 03). As charges e outras ilustrações produzidas pelo governo foram utilizados como veículos de propaganda soviética durante todo o tempo que durou o regime e se dividiam em dois tipos: aquelas que criticavam os inimigos do Estado, no caso aqui as religiões, consideradas alienantes, e aquelas que exaltavam os feitos, os líderes e as conquistas da Pátria.

**Figura 2** - Charge antirreligiosa publicada em 1920 que representa os defensores da religião de forma grotesca e até animalesca, colocando a religião como algo mau e perverso.



Fonte: Parte do acervo do The State Museum: The History of Religion.

**Figura 3** - Charge publicada em 1959, critica diretamente o islamismo.



Fonte: Parte do acervo do The State Museum: The History of Religion.

**Figura 4** - O postal publicado em 1933, coloca no centro a imagem de Stalin, representado de forma serena.



**Fonte:** Parte do acervo do The State Museum: The History of Religion.

**Figura 5** - Charge que faz uma referência à corrida espacial e que é, ao mesmo tempo, um ataque à religião com a frase: “Deus não existe”.



**Fonte:** Parte do acervo do The State Museum The History of Religion.

A charge era utilizada para atacar os inimigos do regime e as ilustrações para valorizar suas realizações, embora alguns cartuns também tenham sido usados para reforçar determinadas posições. Por exemplo, alguns postais e selos mostravam cenas do campo nas quais se exalta a abundância de alimentos. Outras ilustrações traziam representação do grande líder, Josef Stalin (Figuras 2, 3, 4, 5), protetor na nação e promotor do desenvolvimento. O avanço tecnológico também aparece na forma de um astronauta, uma referência ao avanço soviético na corrida espacial.

Em resumo, vimos até agora que a charge é uma forma de ataque. Ela pode apresentar características como o humor, o uso do grotesco, a opção por desenhos caricaturais e pelo exagero. Ela usa deboche como uma arma, transformando o riso em desconforto para quem está sendo atacado ou chamando a atenção para determinado acontecimento ou situação. No entanto, nem sempre ela usa o humor como arma. Durante a Guerra Fria o uso da charge teve, em muitos momentos, a intenção de assustar, uma vez que o medo é também, uma arma usada nas guerras.

Outra característica da charge é o fato de ela estar ligada a um determinado contexto histórico. Por exemplo, as charges feitas por Belmonte nas décadas de 1930 e 1940 estão relacionadas diretamente ao tempo presente, elas são um registro de acontecimentos e fatos que fazem parte da vivência do autor e de seus leitores. A imagem e todo o discurso nela contidos são registros históricos daquele momento, para decifrar sua mensagem é necessário conhecer a história.

#### **4 A GUERRA DA COREIA POR MEIO DE CHARGES NA GAZETA DE LEOPOLDINA**

Para que a charge, enquanto documento possa ter seu potencial adequadamente explorado, é necessário conhecer o veículo de comunicação que a reproduz. O periódico, jornal ou revista, possui uma tendência política, uma orientação ideológica, uma visão de mundo que está diretamente ligada aos seus diretores e editores. Assim, antes de tudo, é preciso saber de qual imprensa estamos falando para podermos entender o papel da charge e a forma como ela é utilizada dentro do complexo processo de formação de ideias.

A imprensa brasileira da primeira metade do século XX, tanto a grande quanto a pequena imprensa, esta última presente nos pequenos municípios, era caracteristicamente conservadora e anticomunista. Ela estava nas mãos de grupos familiares que representavam os

interesses de uma elite que reproduzia um discurso de direita que rechaçava as ações da esquerda. Estes discursos eram baseados em ideias produzidas por intelectuais orgânicos<sup>20</sup> que justificavam e defendiam as posições conservadoras reforçando e reproduzindo um ciclo constante de dominação.

Em termos formais essa imprensa também apresentava características conservadoras e copiava o estilo editorial francês que, posteriormente, foi substituído pelo estilo estadunidense. Segundo Biagi (2001, p. 59):

Pelo menos até 1945 a maior parte do jornalismo brasileiro seguia a linha próxima do jornalismo francês, que tinha como características básicas 1º - uma grande quantidade de textos por matéria (redigidos, invariavelmente, dentro de um estilo linguístico rebuscado, típico de literatos); 2º - poucas fotografias; 3º - nenhuma preocupação com a neutralidade – ou seja, era um jornalismo opinativo e crítico. Tal situação iria alternar-se: para conseguir apoio do Brasil na Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos abriram uma séria de intercâmbios culturais, entre eles no campo do jornalismo, e vários jornalistas brasileiros puderam, então, tomar contato com novas técnicas de produção e de construção de notícias.

Para Renée Barata Zicman, os órgãos de imprensa são fontes históricas que, se bem exploradas, podem ajudar a compreender determinado contexto, uma vez que, segundo a pesquisadora, “a imprensa age sempre no campo político-ideológico” (ZICMAN, 2019, p. 90), ou seja, produz e reproduz discursos. Zicman aconselha a se estabelecer um perfil do órgão de imprensa a ser analisado, destacando-se suas principais características. É preciso entender que a imprensa possui uma linguagem e composição próprias, que podem sofrer algumas mudanças com o passar do tempo, mas que mantém determinadas estruturas de funcionamento inalteradas. Segundo a pesquisadora, a busca de um método adequado para o tipo de fonte da imprensa é fundamental, a começar pela análise do conteúdo. No que diz respeito aos jornais, Zicman (2019, p. 91) diz que

deve-se recorrer a um método que leve em conta a dupla substância e natureza própria do jornal, sua forma e seu conteúdo, interdependentes e interagentes e que centre a análise no discurso de imprensa, considerando as características próprias deste tipo de escrita.

Mediante o contexto apresentado, propõe-se analisar as charges relacionadas à Guerra Fria, aliadas ao conteúdo publicado no jornal local A Gazeta de Leopoldina, no ano de 1951. Metodologicamente, optou-se pela análise do conteúdo a fim de identificar a orientação ideológica do periódico. Para tanto, faz-se necessário, inicialmente, localizar a Gazeta de

---

<sup>20</sup> Conceito de Gramsci que se refere aos intelectuais que estão ligados a uma determinada classe social e que atuam como seus porta-vozes.

Leopoldina no contexto geral da história local, partindo da sua criação e dos grupos e interesses a que ela servia.

Leopoldina é um município da Zona da Mata cujo povoamento remonta ao início do século XIX. Emancipado em 1854, Leopoldina rapidamente prosperou devido à lavoura cafeeira, que já na década de 1850 era um dos suportes da economia local, baseada na agricultura. Acompanhando o crescimento econômico veio o crescimento da importância política das famílias dos grandes cafeicultores que, durante a Primeira República, passaram a fazer parte das oligarquias regionais que compunham os quadros do Partido Republicano Mineiro (PRM). Mesmo após a Revolução de 1930 e o declínio da economia cafeeira, Leopoldina ainda manteve durante muitas décadas seu prestígio político entre os municípios mineiros.

A imprensa periódica do município foi ativa durante o Império e a República. Leopoldina teve, dentro do município, vários periódicos publicados desde 1879, somando um total de 21 jornais em 1899, segundo a pesquisadora Nilza Cantoni. A Gazeta de Leopoldina foi o 16º jornal fundado no município e o que teve maior longevidade: 109 anos. Fundado em 1895 seu último exemplar foi o de número 3.115, publicado em abril de 2004 (SANTOS, 2012, p. 23).

Assim como boa parte dos jornais que surgiram no Brasil a partir do século XIX, a Gazeta de Leopoldina servia aos interesses de um grupo familiar que, nos primórdios da Primeira República, tornou-se uma das oligarquias que comandou a política em Minas Gerais. O jornal era controlado pela família Ribeiro Junqueira, que no início do século XX já havia se estabelecido como uma das principais oligarquias da Zona da Mata de Minas Gerais, com destaque para José Monteiro Ribeiro Junqueira, empresário e político de grande influência tanto na esfera local quanto nacional.

Político característico de seu tempo, acumulando as funções de empresário, banqueiro e proprietário, José Monteiro Ribeiro Junqueira assumiu o lugar de guia e o fez com apoio de coronéis locais. Como no caso de *Getúlio Vargas*, estigmatizava-se um perfil de homem público, que, como veremos mais adiante, utilizava-se de instrumentos para exercer hegemonia cultural (NOGUEIRA, 2011, p. 65).

Apesar de se apresentar como um jornal do povo e para o povo, a Gazeta de Leopoldina era um órgão de imprensa ligado aos interesses políticos e econômicos dos Ribeiro Junqueira (Figura 6). Em suas folhas circulavam notícias sobre eleições locais, sobre a produção agropecuária, viagens e compromissos de leopoldinenses ilustres. Um jornal governista,

especialmente na primeira metade do século XX, quando os Ribeiro Junqueira ainda mantinham a supremacia política na região.

A Gazeta de Leopoldina foi criada para servir como um dos instrumentos de legitimação do poder da oligarquia local que estendeu seu poder e influência para além da primeira metade do século XX. Como órgão de notícias local e de maior circulação a Gazeta de Leopoldina afirma e reafirma as posições político-ideológicas de seus diretores.

**Figura 6** - Diretor, colaboradores, gerente e um dos compositores da Gazeta de Leopoldina.



**Fonte:** Foto publicada na primeira página da edição do dia 18 de abril de 1909 - Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 18 de abril de 1909, ano XV, n.01, p 01.

Uma das características da Gazeta de Leopoldina, que seguia o estilo francês, era o pouco uso de imagens, sejam elas fotografias ou ilustrações. No caso da fotografia, por exemplo, tratava-se de imagens usadas para registrar o aniversário de seu fundador e dono, Ribeiro Junqueira, ou de algum acontecimento ou evento envolvendo algum de seus empreendimentos, aliados ou familiares. A maioria das edições não contava com esse recurso iconográfico.

Ilustrações se resumiam a campanhas publicitárias publicadas no jornal. Por exemplo, propagandas de remédios como a Emulsão Scott ou a série com 10 propagandas da *The Gillette Company* que circularam regularmente nas páginas do jornal nos anos de 1942 e 1943 (Figuras 7 e 8).

**Figura 7** – Propaganda publicitária da Emulsão Scott.



Fonte: Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 19 de janeiro de 1938, n. 111, p. 04.

**Figura 8** – Propaganda publicitária da Gillette.



Fonte: Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 26 de julho de 1942, n. 29, p. 02.

No ano de 1951 a Gazeta de Leopoldina surpreendeu ao publicar charges políticas de orientação anticomunista. As charges foram publicadas entre os meses de janeiro e novembro de 1951 e somavam um total de doze. Elas não foram criadas por artistas locais, mas retiradas de jornais estadunidenses. Na época o redator do jornal era o advogado Joaquim Candido Ribeiro Junqueira (1905-1973), filho de José Monteiro Ribeiro Junqueira e empresário atuante no município.

Joaquim Candido Ribeiro Junqueira representava a nova geração da oligarquia dos Ribeiro Junqueira. Ele foi eleito o primeiro presidente da Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e Serviços de Leopoldina (ACIL), de Leopoldina, fundada em 1938. Foi acionista e diretor do Banco Ribeiro Junqueira S.A, na década de 1950. Era um legítimo representante das elites mineiras<sup>21</sup>.

Em sintonia com o anticomunismo característico das elites empresariais brasileiras, a Gazeta de Leopoldina publicou charges que criticavam ou denunciavam as ações do bloco comunista, assim como artigos que enalteciam os Estados Unidos, seu povo e seu esforço em manter o mundo seguro.

Na edição de 14 de janeiro de 1951, notícias sobre a Guerra da Coreia (1950-1953) estavam na primeira página do jornal, ao lado de uma pequena nota cujo título era “Crianças latino-americanas fazem suas saudações de Natal ao povo dos Estados Unidos” (GAZETA DE LEOPOLDINA, 1951, n. 76, p. 01). Ao mesmo tempo em que o jornal apoiava a presença militar dos Estados Unidos na Coreia, deixa claro o apoio de vários países da América Latina que, de forma subserviente, estão saudando o povo daquela nação envolvida num conflito que, de acordo com o discurso da época, era de vital importância para a segurança mundial.

A Guerra da Coreia é um dos momentos de maior tensão desde o início do conflito. No que diz respeito à América Latina, o alinhamento com os Estados Unidos era quase absoluto. A maioria dos governos latino-americanos se colocava ao lado dos estadunidenses em caso de um confronto. Segundo Franchini Neto (2005, p. 134),

É importante destacar que, em relação ao confronto mundial, a maioria dos governos latino-americanos apoiava os Estados Unidos, como se observou na IV Reunião de Ministros das Relações Exteriores de 26 de março a 7 de abril de 1951, em Washington, convocada para tratar da defesa comum contra as atividades do comunismo internacional. Em meio ao conflito coreano, os membros da OEA votaram uma resolução que considerava o comunismo forma de ameaça à paz.

---

<sup>21</sup> Dados fornecidos pela família, em depoimento à pesquisadora.

Na página 04 foi publicada a primeira charge política abordando o tema da Guerra da Coreia (Figura 9), retirada do *The Washington Post*, que mostra Stalin reunido com outros líderes comunistas e sugerindo a possibilidade de sacrificar 500 milhões de pessoas. Os 500 milhões aos quais a charge se refere correspondem à totalidade da população Chinesa daquele período. Outro detalhe, sutil, está no fundo do cenário: o mapa da china e a bandeira da União Soviética, sugerindo uma relação de dominação.

**Figura 9** - “São 500 milhões que podemos sacrificar”.



**Fonte:** Gazeta de Leopoldina, 14 de janeiro de 1951, p.04.

A leitura desta charge abre um leque de possibilidades de interpretação. Ela pode ser vista como uma forma de criticar o *Tratado de Amizade, Aliança e Assistência Mútua Sino-Soviética*, firmado em 1950, entre URSS e a República Popular da China, na época ainda sob o comando de Mao Tsé-Tung. Na visão estadunidense, Stalin estaria pronto para sacrificar os chineses em uma guerra, sem qualquer remorso. A imagem caricaturada de Stalin traz a representação de um líder que não tem qualquer compaixão. Ele aparece com o semblante deformado (uso do grotesco) por uma expressão perversa. Muitos cartunistas, brasileiros e estrangeiros, representaram Stalin em charges de caricaturas como um homem perverso, um ditador cruel.

Numa segunda charge (Figura 10), publicada na gazeta de Leopoldina de 22 de abril daquele ano, e extraída do jornal *The San Francisco Chronicle* o cenário é novamente um escritório. Nela, Stalin aparece sentado de forma preguiçosa em uma cadeira, com os pés apoiados na mesa, enquanto outro personagem, ao fundo, supostamente chinês, trabalha. A charge é também uma referência ao tratado de amizade Sino-Soviético, o que é sinalizado pelo título “Sócios” e os nomes de Stalin e Mao escritos na porta. Com um traço de humor, a charge brinca novamente com a ideia de que a URSS pretende explorar o povo chinês, uma vez que, enquanto Stalin descansa, os chineses trabalham. Notem o quadro de um Stalin sorridente na parede e a ausência de um retrato de Mao Tse Tung.

**Figura 10** - “Sócios”.

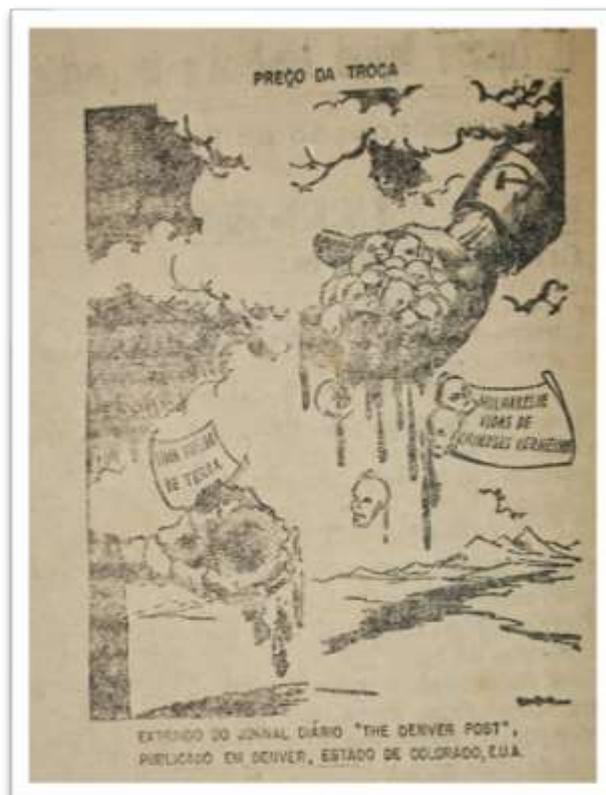


**Fonte:** Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 22 de abril de 1951, n. 01, p. 03.

Numa terceira charge (Figura 11), publicada em julho, temos uma abordagem da aliança entre China e URSS muito mais agressiva e bem menos sutil. Com o título “O preço da troca” a charge sugere que a URSS sacrificou a vida de milhares de chineses em troca de um pedaço de terra. A charge mostra parte do braço de um, supostamente, representante da URSS, com o símbolo da bandeira soviética desenhado no punho da camisa, com a mão cheia de crânios que caem ao chão. Sem nenhum recurso de humor, a charge passa uma mensagem direta e agressiva, culpando a URSS pelas vidas de chineses tomadas durante a guerra.

Notem que a leitura desta charge abre um leque de possibilidades de interpretação. Ela pode ser vista como uma forma de criticar o *Tratado de Amizade, Aliança e Assistência Mútua Sino-Soviética*, firmado em 1950, entre URSS e a República Popular da China, na época ainda sob o comando de Mao Tsé-Tung, Na visão estadunidense, Stalin estaria pronto para sacrificar os chineses em uma guerra, sem qualquer remorso.

**Figura 11** – “O preço da troca”.



**Fonte:** Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 29 de julho de 1951, n.14 p. 03.

Numa segunda série de charges, também retiradas do *The Washington Post* (Figura 12) e do *The Tampa Tribune* (Figura 13), a Organização das Nações Unidas (ONU) surge como protagonista. Na figura 12, publicada na Gazeta de Leopoldina de 18 de janeiro, temos um soldado da ONU ameaçando o que parece ser um soldado oriental, possivelmente norte-coreano. A frase é sugestiva: “Por que não vamos todos para casa ficando tudo como dantes?”. Ao fundo outro soldado, empunhando a bandeira das Nações Unidas. Pode se ver, no chão, uma linha traçada na qual se lê o número “38”. É uma referência direta ao Paralelo 38°, linha que divide a Coreia do Sul da Coreia do Norte, criada ainda durante a Segunda Guerra Mundial, a partir de uma decisão conjunta entre estadunidenses e soviéticos sem levar em consideração nenhuma orientação técnica, sem se consultar os principais interessados, os coreanos.

**Figura 12** - “Porque não vamos todos para casa ficando tudo como dantes?”.



Fonte: Gazeta de Leopoldina, 18 de janeiro de 1951, n. 77, p.04.

**Figura 13** - “O único argumento que eles entendem”.



Fonte: Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 22 de março de 1951, n. 94, p.01.

O General George Lincoln, Coronel Dean Rusk e o Coronel Charles H. Bonesteel com um mapa do National Geographic de 1942, e sem quaisquer peritos da Coreia, não encontraram uma linha geográfica natural, pensando sempre nas suas tropas estavam em Okinawa e sendo que a maior cidade coreana era Seul, seria do interesse dos norte-americanos está ficar do seu lado. A questão dos norte-americanos era se as tropas soviéticas ocupassem toda a península e a utilizasse como ponto de partida para a conquista da Ásia Oriental. Do ponto de vista de Stalin era preciso garantir a península para não sofrer ataques como sofrera outrora na guerra Russo-Japonesa em 1904-1905. Escolheram o Paralelo 38, como ficava a meio da península, decidiram que seria um bom local a sugerir aos soviéticos. A divisão do território coreano pelo Paralelo 38° foi aceita e sucedeu de forma arbitrária (PEREIRA, 2019, p. 05).

A charge mostra a intervenção das formas de paz da ONU de forma agressiva, o que vai se repetir em outras charges publicadas naquele ano. A paz se conquista pela força, esta é uma das mensagens que este tipo de representação vai trazer dentro deste contexto. Se nas primeiras charges há um toque de ironia e até de humor, ele não se repete na maioria das outras, que exploram o macabro, o medo e a violência. Embora não se possam ver completamente as feições do soldado do corpo de paz, subentende-se, pela frase, que é agressiva e intimidadora. Já as feições do outro personagem, acuado por uma arma e, note-se, desarmado, é de medo e espanto.

A figura 13, com a legenda “O único argumento que eles entendem”, temos um soldado, possivelmente da ONU, em cujo uniforme está escrito “A Força”. Ao fundo estão Stalin e, ao que tudo indica, um líder comunista oriental (*Mao Tse Tung ou Kim Il-Sung*). A charge sugere que não há espaço para democracia e que fogo se combate com fogo, ou seja, que a violência é a única linguagem que os comunistas conhecem. Justifica-se a intervenção militar na Guerra da Coreia como algo inevitável e necessário.

Em 06 de maio de 1951, publica-se uma ilustração ainda mais agressiva (Figura 14), que representa o bloco comunista como um soldado cadavérico. Logo abaixo da ilustração vem um pequeno texto que mais parece uma declaração de guerra, na qual o presidente Truman afirma que o mundo livre está pronto para enfrentar as “forças do mal” comunistas. A fonte da imagem e do texto é o USIS, a *United States Information Service* (Serviço de Informação dos Estados Unidos), um dos veículos de propaganda anticomunista dos anos de Guerra Fria (MOTTA, 2016). Embora financiada pelos Estados Unidos, a USIS era uma agência independente.

Figura 14 - Serviço de Informação dos Estados Unidos.



Fonte: Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 06 de maio de 1951, n. 03, p. 04.

Por mais de uma vez, a URSS é apresentada dentro do contexto da Guerra da Coreia, como sempre, sendo o país agressor que manipula outros países, como China e Coreia do Norte. Esta visão demonizada da URSS, foi a base do discurso estadunidense durante a Guerra Fria, repetidamente projetado pelos meios de comunicação.

Sendo a União Soviética uma potência “antagônica e tirânica” e abertamente dedicada à destruição da sociedade “burguesa tradicional”, seu combate por parte Dops Estados Unidos tornou-se, portanto, necessário. Foi dentro dessa lógica que a política externa norte-americana iria atuar de 1945 até 1989 (BIAGI, 2001, p. 34).

Os Estados Unidos participam indiretamente da Guerra da Coreia, por meio das forças de paz da ONU. Como foi comum durante a Guerra Fria, URSS e Estados Unidos nunca estiveram diretamente em um campo de batalha, embora um e outro se revezassem nos bastidores dos conflitos nos quais seu antagonista estava envolvido. Das 12 charges publicadas pela *Gazeta de Leopoldina*, apenas uma traz uma referência direta aos Estados Unidos (Figura 15), que mostra o *Tio Sam*, ao que parece no escritório de uma fábrica, avaliando a força de um aliado, mais abaixo a legenda “produção para a defesa”, o que sugere a fabricação de armas.

**Figura 15** - “E que força tremenda tem o soco dele” / “produção para defesa”.



**Fonte:** Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, 22 de julho de 1951, p. 03.

A intenção das charges, aliadas aos textos, muitos deles publicados nas primeiras páginas, com destaque, é de fortalecer a imagem dos Estados Unidos. Embora as forças da ONU contassem com soldados de outros países, como Reino Unido, Austrália, Filipinas e Bélgica, citando alguns, são os Estados Unidos que aparecem como protagonistas. São eles que ditam o discurso que é reproduzido nos jornais e outros meios de comunicação e são eles que constroem a imagem perversa do bloco socialista. A guerra, como cenário de fundo, contribui para que essa imagem ganhe maior realismo, afinal, não se faz guerra sem perdas humanas e barbárie.

A representação da URSS como agressora foi senso comum entre os chargistas que atuaram nos jornais conservadores do período da Guerra Fria. Mesmo quando os soviéticos não estavam diretamente envolvidos em um conflito eles se tornavam protagonistas de charges cujo objetivo era demonizar as lideranças e ações soviéticas. Não que Stalin não tenha dado razões para isso, mas boa parte do discurso anticomunista baseava-se em teses conspiratórias das quais não se tinha qualquer comprovação material. Mesmo a ideia de que a URSS desejava fazer uma

revolução mundial e acabar com o capitalismo foi muito mais uma construção estadunidense para justificar suas ações contra o bloco socialista do que necessariamente uma realidade em si.

Isto pode ser percebido nas charges publicadas pela *Gazeta de Leopoldina* em 1951, nas quais a URSS foi representada como a encarnação do mal que na década anterior coube aos nazistas. A Guerra da Coreia foi um dos momentos em que essa construção foi intensamente explorada. O ano de 1951, em particular, foi um ano tenso não apenas nos países do Oriente, como, também em todo o mundo.

Naquele ano, os Estados Unidos fizeram uma série de testes que resultariam na primeira bomba de hidrogênio, criada a partir da fusão nuclear. O sucesso das pesquisas veio em 1º de novembro de 1952, quando os Estados Unidos detonaram com sucesso "Mike", no Atol Elugelab nas ilhas Marshall do Pacífico, que resultou na vaporização de uma ilha inteira (COELHO, 2016). A bomba de hidrogênio tinha um poder de destruição muito maior do que as bombas usadas pelos Estados Unidos no Japão, em 1945. Três anos depois, a União Soviética dominava essa mesma tecnologia. A corrida armamentista, juntamente com a corrida espacial, rendeu notícias em todos os meios de comunicação e foi representada nas charges de forma agressiva.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É incontestável o papel polarizador que teve a Guerra Fria, que pode ser percebido tanto nas charges quanto nas notícias que foram publicadas na *Gazeta de Leopoldina*, no pequeno recorte analisado. Por que o uso de charges justamente naquele ano e não nos anos seguintes ou mesmo anteriores? Esta é uma questão que infelizmente não podemos responder apenas a partir da análise do conteúdo do jornal. Mas podemos levantar algumas hipóteses. Uma delas é que, naquele ano, o redator e/ou os diretores da *Gazeta de Leopoldina* tiveram acesso aos jornais dos quais retiraram as charges e as reproduziram. A estratégia não foi adotada no ano seguinte. Por que razões? Difícil saber uma vez que não há nem fontes impressas nem orais conhecidas.

A dúvida e a ausência de respostas fazem parte do ofício do historiador, o que não tira o mérito da pesquisa. No estudo de caso da *Gazeta de Leopoldina* a buscar por resposta é, antes de tudo, um exercício de análise que pode levar a várias possibilidades e práticas. Por exemplo, a partir da análise do periódico, foi possível desenvolver um trabalho que transita

entre a macro e a micro-história. O uso do periódico como fonte possibilitou ir do geral para o local, ao trazer para um pequeno município mineiro o debate acerca de um contexto histórico global.

Ao utilizar a Gazeta para analisar um aspecto da Guerra Fria, a partir da charge, que foi a Guerra da Coreia, foi possível identificar discursos, efetuar uma pesquisa não apenas em documento escrito, mas também, iconográfico. O método de análise do conteúdo ainda abriu a possibilidade de se usar o estudo de periódicos como instrumento para se ensinar a história geral relacionando-a com a história local. Tantos campos de estudo, e tantas possibilidades de uso, demonstram que os rumos da historiografia mudaram e que, atualmente, é possível se fazer uma história para todos e por todos.

As fontes, também ganharam uma nova formatação. Periódicos, charges, cartuns, quadrinhos e caricaturas não são mais apenas um aspecto a ser levado em consideração, mas tornaram-se fontes importantes, objetos de pesquisa, que ocupam o centro das atenções. Podemos fazer a história a partir dos periódicos e a partir das imagens neles contidas sem perder o foco e a qualidade.

## REFERÊNCIAS

BARBIERI, Daniele. **As linguagens dos quadrinhos**. São Paulo: Petrópolis, 2017.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. *In*: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Editoria FGV, 1996.

BIAGI, Orivaldo Leme. **O imaginário e as guerras da imprensa**: estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coreia (1950-1953) e a Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1967-1973). Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP, 2001.

BELMONTE. **Caricatura dos tempos**. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

CHINEN, Nobu. **Aprenda e faça arte sequencial**: linguagem HQ conceitos básicos. São Paulo: Criativo, 2011.

COELHO, Pedro. História da Bomba de Hidrogênio. 2016. Disponível em: <https://www.engquimicasantosp.com.br/2016/01/historia-da-bomba-de-hidrogenio.html>. Acesso em: 20 nov. 2019.

**DICIONÁRIO de Ciências Sociais**. 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1987.

DOMINGUES, Joelma. **A propaganda capitalista e anticomunista**. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/propaganda-ideologica-da-guerra-fria/>. Acesso em: 22 nov. 2019

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 18 de abril de 1909, ano XV, n.01.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 19 de janeiro de 1938, n. 111.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 26 de julho de 1942, n. 29.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 14 de janeiro de 1951.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 04 de janeiro de 1951, n. 76.

**GAZETA de Leopoldina**, Leopoldina, 18 de janeiro de 1951, n. 77.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 22 de março de 1951, n. 94.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 22 de abril de 1951, n. 01.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 06 de maio de 1951, n. 03.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 29 de julho de 1951, n. 14.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v, 2, 2001.

HOBBSBAWN, Erik J. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LUCHSHEV, E. M. **Soviet Antireligious Poster Collection of The State Museum The History of Religion**.-St. Petersburg: The State Museum The History of Religion, 2010.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O anticomunismo nas pesquisas de opinião: Brasil, 1955-1964**. 2016. Disponível em : <https://journals.openedition.org/nuevomundo/68817> . Acesso em : 19 nov. 2019

NETO, Hélio Franchini. A Política Externa Independente em ação: a Conferência de Punta del Este de 1962. **Revista Brasileira de Política Internacional**, n. 48, vol; 22, p. 129-151, 2005.

NEVES, Lucia Bastos Pereira das. Opinião Pública. *In*: FERES JUNIOR, João (Org.). **Léxico da História dos conceitos políticos do Brasil**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2014, p. 182-202.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **Leopoldina**: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata Mineira (1895-1930). Leopoldina: Ed. Do Autor, 2011.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. A história política do Brasil por meio da charge (1950 – 1964). **Revista Temporis [ação]**, v.16 , n. 2, número especial, 2016, p.205-222. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/4657/3774>. Acesso em: 22 nov. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. 6ª ed. - Campinas: Ed UNICAMP, 2007.

PEDROSO, Rodrigo Aparecido de Araújo. Guerra Fria e anticomunismo nas histórias em quadrinhos do Capitão América de 1954. Niterói. *In*: **Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC**, 2014.

PEREIRA, Verónica de Gouveia. **Como o Paralelo 38 influenciou a geoestratégia da Península Coreana?**. Disponível em: [https://www.academia.edu/36293048/Paralelo\\_38](https://www.academia.edu/36293048/Paralelo_38) . Acesso em: 21 nov. 2019.

SANTOS, Nilza Maria Almeida, Nilza. **A imprensa em leopoldina (MG) entre 1879 e 1899**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2012.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa**: algumas considerações metodológicas. Projeto História. Volume 4, 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410/8995>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

## VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

**Cold war in cartoons: Gazeta de Leopoldina(1951)<sup>22</sup>**

*Natania Aparecida da Silva Nogueira<sup>23</sup>*

### 1 INTRODUCTION

The periodic press, since its emergence, has stood out as a means of communication from which it was possible to promote a greater circulation of news, initiating a gradual process of democratization of information, breaking with a long silence imposed by institutions like the Church and the State. Not that censorship has disappeared completely, but the press, despite all its limitations, allowed the political debate to gain new directions and a heterogeneous space.

The newspaper, due to its periodicity and for becoming a means of communication more accessible to the general public, was, throughout its history and, especially during the 20th century, a privileged space for political debate, polarizing trends and taking ideological positions. For Orlandi (2007) every discourse has an ideology. Thus, newspapers, as a means of communication, are spaces in which ideologies are echoed in political speeches and positions, taken by their owners and editors. They can, therefore, help us to better understand ideas, actions and representations that marked a certain era.

It is necessary now to clarify what is meant here by ideology, so that the objective of the present investigation becomes clearer. According to the Dictionary of Social Sciences, “ideology is a set of convictions and concepts (concrete and normative) that aims to explain complex social phenomena in order to guide and simplify the socio-political choices that are presented to individuals and groups” (SOCIAL SCIENCES DICTIONARY, 1987, p. 507). We will use Gramsci's concept of Ideology here, in which ideology is not placed as an instrument through which reality is understood, but as a series of moral principles that guide collective actions and practices. and individual (GRAMSCI, 2001, p. 28). In this sense, the ideology is evidenced mainly in the intellectual and cultural field, being present in the speeches, in the artistic manifestations and of course, in the politics.

---

<sup>22</sup> Received on 03/28/2021, version approved on 04/28/2021.

<sup>23</sup>LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/7390818109682435>. ORCID ID: 0000-0003-3765-7420. E-mail: <nogueira.natania@gmail.com>.

In the present work, an analysis is made of the speech contained in the journal A Gazeta de Leopoldina, a newspaper in the small municipality of Leopoldina, located in the Zona da Mara of Minas Gerais. The period analyzed corresponds to the year 1951, when the newspaper published a series of cartoons about the Korean War, all with an anti-communist bias. The objective is to demonstrate how the newspaper can be used, both as a research source and as a didactic resource to study certain periods of history, both at the general and regional levels.

In order for this article to be explored both as an academic work and by teachers of basic education, an attempt was made to start from a didactic organization of the content, dividing it into three parts. At first, an attempt was made to conceptualize cartoons as graphic art and a means of expression, inserting them in the fields of politics and ideology. Then, examples were presented of how it was used as a form of communist and anti-communist propaganda throughout the 20th century. Finally, the main focus of the study was taken, which is the analysis of the cartoons published in Gazeta de Leopoldina in 1951, with the concern of presenting both the general historical context and performing an analysis of the content published in this journal, allied to the interests of the groups he served.

## **2 CHARGE AS A POLITICAL INSTRUMENT**

Initially, it is necessary to clarify to the reader what cartoons are and to define how they will be treated throughout the article. Herman Lima, author of the “History of Caricature in Brazil” collection, published 1963, one of the main and most complete works on caricatures and cartoons produced in Brazil in the 20th century, does not present a clear differentiation between cartoon and caricature. In his introductory chapter, Herman generically uses the term caricature for all graphic art published in Brazil until the 1960s, pointing out its main characteristics and contextualizing its emergence.

Herman Lima initially cites Captain Francis Grose's pioneering work, Rules for drawing caricatures with in the Essay on Comic Painting, published in England in 1788. This author considers caricature as a means of denouncing to the general public those who in some way outrage the dignity of others (LIMA, 1963, p. 5). The caricature appears as an important element to denounce crimes, which, even not being penalized by legal means, cannot escape the judgment of the people, that is, public opinion.

In this regard, I must emphasize that the media function as instruments of opinion

formation. Public opinion arises from collective judgment, from information that is socialized, at first orally, where, from news and rumors that circulate in a given community. With the press, this circulation has been gaining ever greater proportions to the point that, today, one can speak of a worldwide public opinion that sometimes converges, sometimes diverges.

In Brazil, we can relate the appearance of the periodical press with the arrival of the royal family in 1808, with the growth of political debates and the importance of public opinion. According to Lúcia M. Bastos Pereira das Neves, with the introduction of the press in Brazil, public opinion became increasingly important during the nineteenth century and newspapers began to value the interest of readers in the events (NEVES, 2014, p. 183). It can be said that the emergence and growth of press agencies in Brazil made it possible for groups that were previously politically excluded to occupy a small role within the national political debate, understanding that politics refers, in the first place, to everything that relates to public affairs.

As a vehicle of mass information, periodicals bring to the general public a plurality of discourses that end up assuming a pedagogical, formative function. And illustrated journalism had and still has an important role both in the political formation of Brazilians and as a source of study of Political History in Brazil” (NOGUEIRA, 2016, p. 205-222)

Herman Lima defends the caricature as “the most powerful weapon of the press, by the universality of its reach” giving “high significance as an authentic art, not only in the analysis of political and social customs, but also in the fixation of subsidiary elements of History and Sociology (LIMA, 1963, p. 5). The author, on several occasions, reinforces this statement based not only on his own considerations, but on previous studies, such as those by R. Gerald Mc Murtry, from Lincoln Memorial University, who, in the 1950s, defended the use of caricature by historians and students to understand the political and social development of the United States (LIMA, 1963, p. 9).

Herman Lima introduces us to a concept of caricature in which art is used as a way of reflecting on reality. Ridiculousness is seen as a means of denouncing, through humor, aspects of politics and society, and also as a form of social memory, of historical record. The author also highlights the fact that the caricature / cartoon does not necessarily have to be funny, but rather impactful. In fact, this is the main feature of the cartoons that we will analyze later.

But is there a difference between caricature and cartoon? According to Nobu Chinen, the cartoon can be used to satirize a situation or a person and normally it has a political

function. So the cartoon tends to be political while the caricature is not necessarily so. Let us see the distinction that the author makes between cartoon and caricature.

Political charge - The word charge comes from the French and means charge, because it has the function of criticizing a certain personality, event or political, economic, or social situation. It can only be understood within a certain context and therefore tends to become dated.

Caricature - The term comes from the Italian verb *caricare*, which means to carry, that is, to exaggerate the line. The effect of humor is created by highlighting some striking feature of the caricatured physiognomy, usually a personality known enough for people to recognize it (CHINEN, 2011, p. 9).

The political cartoon demands from its author a power of communication and synthesis that we do not find with the same intensity in other graphic arts. Its author needs, in a single image, to send a specific message. The receiver must be able to recognize not only the characters, but mainly the situation described in it. If this does not happen, the cartoon does not fulfill its role, which often consists of broadcasting a complaint or an alert.

The art of caricature is perhaps one of the most difficult to achieve. Because it requires a lot of synthesis, in the first place: of lines, because of the visual impact it must provoke; meaningful, because it is necessarily clear and unambiguous, so that the message gets through to all readers of the newspaper. Having overcome these two obstacles, however, it is essential for the nation to remain in tune with the facts - especially when international policy is chosen by theme. Nobody likes stale bread, and in political cartoons it is more than ever necessary to go to the oven of ideas to communicate with the reader quickly, quickly (BELMONTE, 1982, p. III).

Another characteristic of the caricature, which may or may not be present in the cartoon, is the use of the grotesque as a resource to increase the comic effect of the satirized image. The grotesque is used both to shock and to make people laugh out of exaggeration. According to Barbieri (2017, p. 67)

More than the comic, what characterizes the caricature is the grotesque, and the grotesque can, in turn, be used for several expressive purposes: humorous situations, marginally ironic situations, nightmare situations, hallucination, expressive exaggerations.

In a more recent work, Rodrigo Patto Sá Motta, in *Jango and the 1964 coup in Caricatura*, published in 2006, follows the line of Herman Lima and adopts the name caricature for cartoons. According to the researcher,

The expressions "caricature" and "charge" are often used interchangeably, and in this area there are no canonical definitions. According to agreements with one of the accepted Maya proposals for distinction, the first would portray known human figures, while the specialty of the cartoon would be to address specific facts or events (MOTTA, 2006, p. 15).

Motta chose to use the term caricature because it is a more generic term and due to the fact, that, for his research, he used images that brought personalities of the time, whose imaginary representations were exaggerated and presented, in general, in a comical way.

In the case of the present study, we chose to use the expression charge since the images that were published in Gazeta de Leopoldina bring representations of situations and do not highlight, in their majority, characters, but situations. On the other hand, the intention of these publications involves much more to alert and indoctrinate than to necessarily make people laugh, although the term caricature can appear in quotes from authors who, like Herman and Patto, chose to use it also in relation to cartoons.

### **3 THE USE OF GRAPHIC ARTS AS AN INSTRUMENT OF IDEOLOGICAL ADVERTISING**

After World War II, the longed-for peace between nations was still far from being achieved. The population of the countries involved in the conflict still lived with the consequences of the war: stagnant or destroyed fields and industry and the remains of civilians and combatants who are still emerging from the wreckage. With the memory of the war still alive, the world plunged, two years later, into a new world order marked by the Cold War, a conflict that was established between the United States and the Soviet Union, causing an ideological polarization never seen before.

An unarmed conflict that, according to Erick Hobsbawn, has had a severe impact on the entire global population, especially on the youngest, who grew up in a time of profound uncertainty about the future.

Entire generations were created in the shadow of global nuclear battles that, it was firmly believed, could break out at any moment, and devastate humanity. In fact, even those who did not believe that either side intended to attack the other found it difficult not to be pessimistic, as Murphy's Law is one of the most powerful generalizations about human issues ("If something can go wrong, sooner or later, later it will work") (HOBSEAWAN, 1995, p. 224).

In this deeply ideological war, the use of the media has been exploited to the full. It can be said that the media, on both sides, became a second battleground, in which the main

objective was to control public opinion, most of the time through fear. According to Jean-Jacques Becker, Public opinion is strongly influenced both by the “state of mind” and by the context (BECKER, 1996, p. 188). This state of mind was being built on an existing base, which was the fear of a world communist revolution, put aside during World War II and revived shortly before its end.

In the United States, in the late 1940s, the Nazis went from being the villains to being replaced by the Soviets. In the media of capitalist countries allied to the United States (newspapers, magazines, radio and now also television), anti-Soviet and anti-communist material abounded like never before. Similarly, the Soviet Union invested in anti-capitalist propaganda, in which the United States emerged as the villains. Charges and comics were instruments of the illustrated press to publicize the ideals of the two blocks.

**Figure 1** - Cover of the Captain America comic strip, n. 78, September 1954.



**Source:** DOMINGUES, Joelma. Capitalist and anti-communist propaganda. 2019. Available at: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/propaganda-ideologica-da-guerra-fria/>.

An example of the use of comics as propaganda during the Cold War was the reformulation of the character Captain America, created in 1941 to fight Nazis, who, from 1954, becomes one of the greatest enemies of the Soviets (Figure 1). In his adventures, the character

went on to pursue Soviet agents infiltrating the United States, turning from a war hero to a counter-espionage agent.

When analyzing one of the comic strips (HQs) from the Captain America magazine n. 76, of May 1954, whose central theme was Soviet espionage in the United States with an anti-communist theme, researcher Rodrigo Pedroso concluded that:

HQ presents a partial view of the problem and contributes to the creation of an imaginary of insecurity and distrust, in which anyone can be a potential spy, cannot be trusted by co-workers or their bosses. At the same time, HQ can be seen as a means that seeks to discourage possible actions by spies by showing that this type of crime will be punished and that the USA - in the figure of Captain America - will have no problem in using violent methods to that. In general, this is the message that HQ seeks to pass on to spies, no matter how much they hide at some point, they will be discovered and there will be no forgiveness for their actions (PEDROSO, 2014, p. 10).

The use of graphic arts, as in comics and, in particular, of the cartoon for the purposes of political propaganda, was not new. The USSR itself has already used this resource since the early years of the implementation of the socialist regime for political and ideological purposes. Take as an example the anticlerical cartoons produced in the USSR shortly after the Russian Revolution and which abounded from the 1920s.

The main document that defined the Communist Party's strategies for religion after the October Revolution was the New Party Program, accepted in 1919 at the 8th Communist Party Congress, which officially claimed Communist doctrine as the main ideology of the State (LUCHSHEV, 2010, p. 02).

Even with guarantees of freedom of conscience, the Soviet program was willing to break all links between the exploited classes and religious organizations. In short, religious propaganda was combated with anti-religious propaganda. For that, countless graphic artists were invited to produce postcards, in the form of cartoons, to be distributed in public spaces, such as streets and squares, barracks, factories, in short, any place where there was a concentration of people and advertising could circulate (LUCHSHEV, 2010, p. 03). The cartoons and other illustrations produced by the government were used as vehicles of Soviet propagation during the entire duration of the regime and were divided into two types: those that criticized the enemies of the State, in this case religions, considered alienating, and those that they praised the deeds, the leaders and the conquests of the Fatherland.

**Figure 2** - Anti-religious charge published in 1920 that represents the defenders of religion in a grotesque and even animalistic way, placing religion as something evil and perverse.



**Source:** Part of the collection of The State Museum: The History of Religion.

**Figure 3** - Charge published in 1959, directly criticizes Islam.



**Source:** Part of the collection of The State Museum: The History of Religion.

**Figure 4** - The postcard published in 1933, places the image of Stalin in the center, represented serenely.



**Source:** Part of the collection of The State Museum: The History of Religion.

**Figure 5** - Charge that makes a reference to the space race and which is, at the same time, an attack on religion with the phrase: “God does not exist”.



**Source:** Part of the collection of The State Museum: The History of Religion.

The cartoon was used to attack the regime's enemies and illustrations to enhance their achievements, although some cartoons were also used to reinforce certain positions. For example, some postcards and stamps showed scenes from the countryside in which the abundance of food is exalted. Other illustrations depicted the great leader, Josef Stalin (Figures 2, 3, 4, 5), protector of the nation and promoter of development. Technological advancement also appears in the form of an astronaut, a reference to the Soviet advance in the space race.

In summary, we have seen so far that the cartoon is a form of attack. It can have characteristics such as humour, the use of grotesque, the option for cartoon drawings and exaggeration. She uses debauchery as a weapon, turning laughter into discomfort for whoever is being attacked or calling attention to a particular event or situation. However, she does not always use humor as a weapon. During the Cold War, the use of the cartoon was, in many moments, intended to scare, since fear is also a weapon used in wars.

Another characteristic of the cartoon is the fact that it is linked to a certain historical context. For example, the cartoons made by Belmonte in the 1930s and 1940s are directly related to the present time, they are a record of events and facts that are part of the experience of the author and his readers. The image and all the speech contained in it are historical records of that moment, to decipher its message it is necessary to know the history.

#### **4 THE KOREA WAR THROUGH CHARGES IN THE LEOPOLDINA GAZETA**

For the cartoon, as a document to have its potential adequately explored, it is necessary to know the communication vehicle that reproduces it. The periodical, newspaper or magazine, has a political tendency, an ideological orientation, a worldview that is directly linked to its directors and editors. So, first of all, it is necessary to know which press we are talking about in order to understand the role of the cartoon and how it is used within the complex process of forming ideas.

The Brazilian press of the first half of the twentieth century, both the large and the small press, the latter present in small municipalities, was characteristically conservative and anti-communist. It was in the hands of family groups that represented the interests of an elite that reproduced a right-wing discourse that rejected the left's actions. These speeches were based on ideas produced by organic intellectuals who justified and defended conservative positions, reinforcing and reproducing a constant cycle of domination.

In formal terms, this press also had conservative characteristics and copied the

French editorial style, which was later replaced by the American style. According to Biagi (2001, p. 59):

Until 1945, at least, most Brazilian journalism followed a line close to that of French journalism, which had as its basic characteristics 1st - a large amount of texts per story (invariably written in an elaborate linguistic style, typical of literati); 2nd - few photographs; 3rd – no concern with neutrality – that is, it was opinionated and critical journalism. This situation would alternate: to obtain support from Brazil in the Second World War, the United States opened a series of cultural exchanges, among them in the field of journalism, and several Brazilian journalists were then able to make contact with new production techniques and of construction news.

For Renée Barata Zicman, the press organs are historical sources that, if well explored, can help to understand a certain context, since, according to the researcher, “the press always acts in the political-ideological field” (ZICMAN, 2019, p . 90), that is, it produces and reproduces speeches. Zicman advises to establish a profile of the press agency to be analyzed, highlighting its main characteristics. It is necessary to understand that the press has its own language and composition, which may undergo some changes over time, but which maintains certain operating structures unaltered. According to the researcher, the search for a suitable method for the type of press source is fundamental, starting with content analysis. With regard to newspapers, Zicman (2019, p. 91) says that

one must use a method that takes into account the double substance and nature of the newspaper, its form and its content, interdependent and interacting and that focuses the analysis on the press discourse, considering the specific characteristics of this type of writing.

Based on the context presented, it is proposed to analyze the cartoons related to the Cold War, allied to the content published in the local newspaper A Gazeta de Leopoldina, in 1951. Methodologically, it was chosen to analyze the content in order to identify the ideological orientation of the periodical. Therefore, it is necessary, initially, to locate the Gazeta de Leopoldina in the general context of local history, starting from its creation and from the groups and interests it served.

Leopoldina is a municipality in the Zona da Mata whose settlement dates back to the beginning of the 19th century. Emancipated in 1854, Leopoldina quickly prospered due to coffee farming, which in the 1850s was one of the supports of the local economy, based on agriculture. Accompanying the economic growth came the growth of the political importance of the families of the great coffee growers who, during the First Republic, became part of the regional oligarchies that made up the cadres of the Partido Republicano Mineiro (PRM). Even

after the Revolution of 1930 and the decline of the coffee economy, Leopoldina still maintained its political prestige among the municipalities of Minas Gerais for many decades.

The periodical press of the municipality was active during the Empire and the Republic. Leopoldina had, within the municipality, several journals published since 1879, adding up to a total of 21 newspapers in 1899, according to researcher Nilza Cantoni. *Gazeta de Leopoldina* was the 16th newspaper founded in the municipality and the one that had the longest life: 109 years. Founded in 1895, its last issue was number 3,115, published in April 2004 (SANTOS, 2012, p. 23).

Like most of the newspapers that appeared in Brazil in the 19th century, *Gazeta de Leopoldina* served the interests of a family group that, in the early days of the First Republic, became one of the oligarchies that commanded politics in Minas Gerais. The newspaper was controlled by the Ribeiro Junqueira family, who at the beginning of the 20th century had already established themselves as one of the main oligarchies in the Zona da Mata of Minas Gerais, with emphasis on José Monteiro Ribeiro Junqueira, a businessman and politician of great influence both in the local sphere and national.

Political characteristic of his time, accumulating the functions of businessman, banker and owner, José Monteiro Ribeiro Junqueira took the place of guide and did it with the support of local colonels. As in the case of Getúlio Vargas, a public man profile was stigmatized, which, as we will see later, used instruments to exercise cultural hegemony (NOGUEIRA, 2011, p. 65).

Despite presenting itself as a newspaper for the people and for the people, *Gazeta de Leopoldina* was a press body linked to the political and economic interests of the Ribeiro Junqueira (Figure 6). On its pages, news circulated about local elections, about agricultural production, trips and commitments by illustrious Leopoldines. A government newspaper, especially in the first half of the twentieth century, when the Ribeiro Junqueira still maintained political supremacy in the region.

The *Gazeta de Leopoldina* was created to serve as one of the instruments to legitimize the power of the local oligarchy that extended its power and influence beyond the first half of the 20th century. As the local news agency with the greatest circulation, *Gazeta de Leopoldina* affirms and reaffirms the political and ideological positions of its directors.

One of the characteristics of the *Gazeta de Leopoldina*, which followed the French style, was the little use of images, be they photographs or illustrations. In the case of photography, for example, these were images used to record the anniversary of its founder and

owner, Ribeiro Junqueira, or some event or event involving any of his ventures, allies or family members. Most editions lacked this iconographic feature.

**Figure 6** - Director, collaborators, manager and one of the composers of Gazeta de Leopoldina.



**Source:** Photo published on the first page of the April 18, 1909 edition - Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, April 18, 1909, year XV, n.01, p 01.

Illustrations were limited to advertising campaigns published in the newspaper. For example, advertisements for medicines such as the Scott Emulsion or the series of 10 advertisements by The Gillette Company that circulated regularly on the newspaper pages in the years 1942 and 1943 (Figures 7 and 8).

In 1951, Gazeta de Leopoldina surprised by publishing political cartoons with an anti-communist orientation. The cartoons were published between January and November 1951 and totaled twelve. They were not created by local artists but taken from American newspapers. At the time, the newspaper's editor was the lawyer Joaquim Candido Ribeiro Junqueira (1905-1973), son of José Monteiro Ribeiro Junqueira and a businessman working in the municipality.

Joaquim Candido Ribeiro Junqueira represented the new generation of the Ribeiro Junqueira oligarchy. He was elected the first president of the Leopoldina Commercial, Industrial, Agricultural and Services Association (ACIL), of Leopoldina, founded in 1938. He was a shareholder and director of Banco Ribeiro Junqueira SA, in the 1950s. He was a legitimate representative of the mining elites.

Figure 7 - Scott Emulsion advertising.



Source: Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, January 19, 1938, n. 111, p. 04.

Figure 8 - Gillette advertising



Source: Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, July 26, 1942, n. 29, p. 02.

In line with the anti-communism characteristic of Brazilian business elites, Gazeta de Leopoldina published cartoons that criticized or denounced the actions of the communist bloc, as well as articles that praised the United States, its people, and its effort to keep the world safe.

In the January 14, 1951 edition, news about the Korean War (1950-1953) was on the front page of the newspaper, next to a small note whose title was “Latin American children give their Christmas greetings to the people of the States United” (GAZETA DE LEOPOLDINA, 1951, n. 76, p. 01). While the newspaper supported the US military presence in Korea, it makes clear the support of several Latin American countries that, in a subservient way, are greeting the people of that nation involved in a conflict that, according to the speech of the at the time, it was vitally important to world security.

The Korean War is one of the tensest moments since the beginning of the conflict. With regard to Latin America, alignment with the United States was almost absolute. Most Latin American governments sided with Americans in the event of a confrontation. According to Franchini Neto (2005, p. 134),

It is important to highlight that, in relation to the world confrontation, the majority of Latin American governments supported the United States, as was observed in the IV Meeting of Ministers of Foreign Affairs from March 26 to April 7, 1951, in Washington, convened to address the common defense against the activities of international communism. In the midst of the Korean conflict, OAS members voted on a resolution that considered communism a threat to peace.

On page 04, the first political cartoon on the theme of the Korean War was published (Figure 9), taken from The Washington Post, which shows Stalin meeting with other communist leaders and suggesting the possibility of sacrificing 500 million people. The 500 million to which the charge refers correspond to the total Chinese population of that period. Another subtle detail is at the bottom of the scenario: the map of china and the flag of the Soviet Union, suggesting a relationship of domination.

Reading this cartoon (Figure 9), opens up a range of possibilities for interpretation. It can be seen as a way of criticizing the Sino-Soviet Friendship, Alliance and Mutual Assistance Treaty, signed in 1950, between the USSR and the People's Republic of China, at the time still under the command of Mao Zedong. In the American view, Stalin would be ready to sacrifice the Chinese in a war, without any remorse.

**Figure 9** - “There are 500 million that we can sacrifice”.



Source: Gazeta de Leopoldina, January 14, 1951, p.04.

**Figure 10** - “Partners”.



Source: Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, April 22, 1951, n. 01, p. 03.

Stalin's caricatured image depicts a leader who has no compassion. He appears with a deformed countenance (use of the grotesque) by a perverse expression. Many cartoonists, Brazilians and foreigners, represented Stalin in cartoon cartoons as a wicked man, a cruel dictator.

In a second cartoon (Figure 10), published in the Leopoldina gazette of April 22 of that year, and extracted from the newspaper The San Francisco Chronicle, the scenario is again an office. In it, Stalin appears sitting lazily in a chair, with his feet resting on the table, while another character, in the background, supposedly Chinese, works. The cartoon is also a reference to the Sino-Soviet friendship treaty, which is signaled by the title "Partners" and the names of Stalin and Mao written on the door. With a trace of humor, the cartoon plays again with the idea that the USSR intends to exploit the Chinese people, since, while Stalin rests, the Chinese work. Note the picture of a smiling Stalin on the wall and the absence of a portrait of Mao Tse Tung.

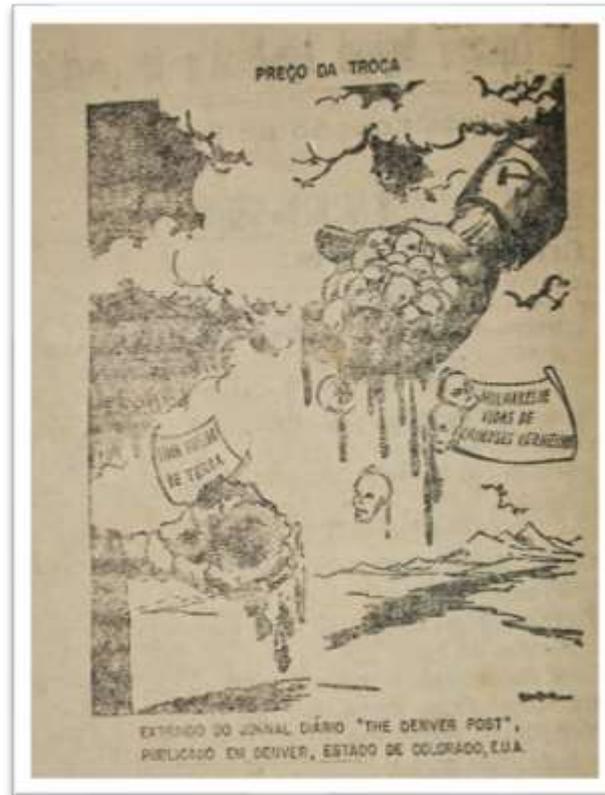
In a third cartoon (Figure 11), published in July, we have a much more aggressive and much less subtle approach to the alliance between China and the USSR. With the title "The price of the exchange" the cartoon suggests that the USSR sacrificed the lives of thousands of Chinese in exchange for a piece of land. The cartoon shows part of the arm of a supposedly representative of the USSR, with the symbol of the Soviet flag drawn on the cuff of his shirt, with a handful of skulls that fall to the floor. Without any humor, the cartoon sends a direct and aggressive message, blaming the USSR for the lives of Chinese people taken during the war.

Note that reading this cartoon opens up a range of possibilities for interpretation. It can be seen as a way of criticizing the Sino-Soviet Friendship, Alliance and Mutual Assistance Treaty, signed in 1950, between the USSR and the People's Republic of China, at the time still under the command of Mao Zedong. In the American view, Stalin would be ready to sacrifice the Chinese in a war without any remorse.

In a second series of cartoons, also taken from The Washington Post (Figure 12) and The Tampa Tribune (Figure 13), the United Nations (UN) appears as the protagonist. In figure 12, published in the Gazeta de Leopoldina of 18 January, we have a UN soldier threatening what appears to be an Eastern soldier, possibly a North Korean. The phrase is suggestive: "Why don't we all go home and stay as before?". In the background another soldier, holding the United Nations flag. You can see, on the floor, a drawn line on which the number "38°" is read. It is a direct reference to the 38th Parallel, a line that divides South Korea from North Korea, created during the Second World War, based on a joint decision between the

Americans and the Soviets without considering any technical guidance, without consulting the main stakeholders, the Koreans.

**Figure 11** - “The price of the exchange”.



**Source:** Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, July 29, 1951, n.14 p. 03.

General George Lincoln, Colonel Dean Rusk and Colonel Charles H. Bonesteel with a National Geographic map from 1942, and without any experts from Korea, could not find a natural geographic line, always thinking of their troops being in Okinawa and being the largest Korean city was Seoul, it would be in the interest of the Americans to be on your side. The question for the Americans was whether Soviet troops would occupy the entire peninsula and use it as a starting point for the conquest of East Asia. From Stalin's point of view, it was necessary to guarantee the peninsula not to suffer attacks as it would have suffered in the Russo-Japanese war in 1904-1905. They chose Parallel 38, as it was in the middle of the peninsula, decided that it would be a good place to suggest to the Soviets. The division of Korean territory by Parallel 38° was accepted and happened in an arbitrary way (PEREIRA, 2019, p. 05).

The cartoon shows the intervention of the UN peace forms in an aggressive way, which will be repeated in other cartoons published that year. Peace is won by force; this is one of the messages that this type of representation will bring within this context. If in the first cartoons there is a touch of irony and even humor, it is not repeated in most others, which

exploit the macabre, fear and violence. Although the features of the peace corps soldier cannot be seen completely, the sentence implies that it is aggressive and intimidating. The features of the other character, cornered by a weapon and, it should be noted, unarmed, are of fear and amazement.

**Figure 12** - “Why don't we all go home and get everything as before?”.



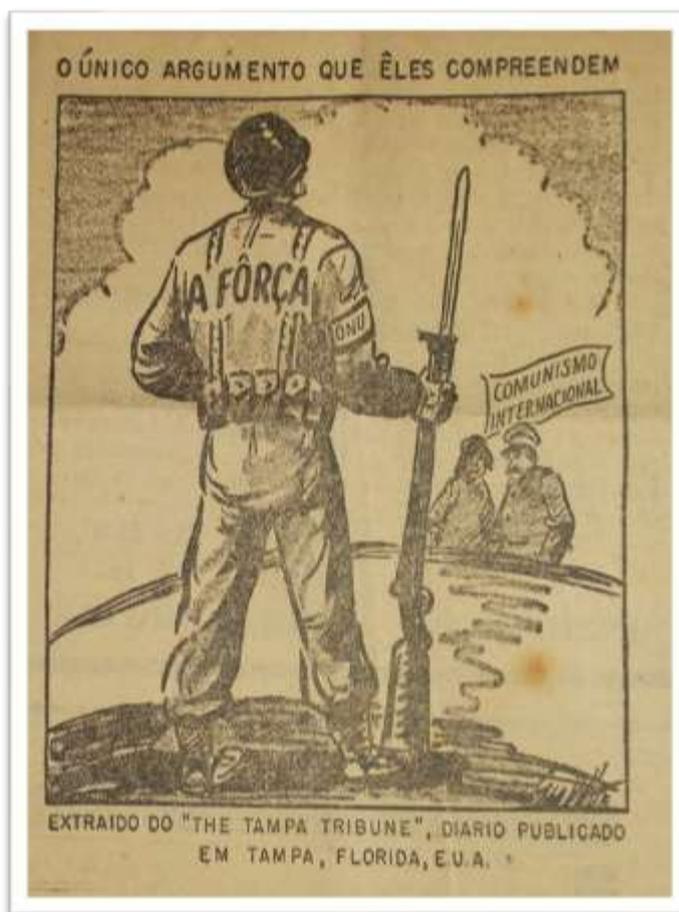
**Source:** Gazeta de Leopoldina, January 18, 1951, n. 77, p.04.

Figure 13, with the caption “The only argument they understand”, we have a soldier, possibly from the UN, in whose uniform is written “The Force”. In the background are Stalin and, it seems, an Eastern Communist leader (Mao Tse Tung or Kim Il-Sung.). The cartoon suggests that there is no room for democracy and that fire is fought with fire, that is, that violence is the only language that communists know. Military intervention in the Korean War is justified as inevitable and necessary.

On May 6, 1951, an even more aggressive illustration is published (Figure 14), which represents the communist bloc as a cadaverous soldier. Just below the illustration comes a small text that looks more like a declaration of war, in which President Truman says that the

free world is ready to face the communist “forces of evil”. The source of the image and text is the USIS, the United States Information Service, one of the anti-communist propaganda vehicles of the Cold War years (MOTTA, 2016). Although funded by the United States, USIS was an independent agency.

**Figure 13** - "The only argument they understand".



**Source:** Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, March 22, 1951, n. 94, p. 01.

For more than once, the USSR is presented in the context of the Korean War, as always, being the aggressor country that manipulates other countries, such as China and North Korea. This demonized view of the USSR, was the basis of American discourse during the Cold War, repeatedly projected by the media.

Since the Soviet Union is an “antagonistic and tyrannical” power and openly dedicated to the destruction of “traditional bourgeois” society, its fight on the part of the United States has therefore become necessary. It was within this logic that the American foreign policy would operate from 1945 until 1989 (BIAGI, 2001, p. 34).

Figure 14 - United States Information Service.



Source: Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, May 6, 1951, n. 03, p. 04.

The United States indirectly participates in the Korean War, through the UN peacekeepers. As was common during the Cold War, the USSR and the United States were never directly on the battlefield, although one and the other took turns behind the scenes of the conflicts in which their antagonist was involved. Of the 12 cartoons published by Gazeta de Leopoldina, only one brings a direct reference to the United States (Figure 15), which shows Uncle Sam, apparently in a factory office, assessing the strength of an ally, below the caption "defense production", which suggests the manufacture of weapons.

**Figure 15** - “And what a tremendous force his punch has” / “defense production”.



**Source:** Gazeta de Leopoldina. Leopoldina, July 22, 1951, p. 03.

The intention of the cartoons, allied to the texts, many of them published in the first pages, with prominence, is to strengthen the image of the United States. Although UN forces had soldiers from other countries, such as the United Kingdom, Australia, the Philippines, and Belgium, to name a few, it is the United States that appears as protagonists. They are the ones who dictate the discourse that is reproduced in newspapers and other media, and they are the ones who build the perverse image of the socialist bloc. War, as a background, contributes to this image gaining greater realism, after all, war is not waged without human losses and barbarism.

The representation of the USSR as an aggressor was common sense among cartoonists who worked in conservative newspapers during the Cold War period. Even when the Soviets were not directly involved in a conflict, they became protagonists of cartoons whose aim was to demonize Soviet leaderships and actions. It is not that Stalin did not give reasons for this, but much of the anti-communist speech was based on conspiracy theses of which there

was no material evidence. Even the idea that the USSR wanted to make a world revolution and end capitalism was much more a US construction to justify its actions against the socialist bloc than necessarily a reality in itself.

This can be seen in the cartoons published by Gazeta de Leopoldina in 1951, in which the USSR was represented as the incarnation of the evil that belonged to the Nazis in the previous decade. The Korean War was one of the moments when this construction was intensively exploited. 1951, in particular, was a tense year not only in the countries of the East, but also around the world.

That year, the United States carried out a series of tests that would result in the first hydrogen bomb, created from nuclear fusion. The success of the searches came on November 1, 1952, when the United States successfully detonated "Mike" at Elugelab Atoll in the Marshall Islands of the Pacific, which resulted in the vaporization of an entire island (COELHO, 2016). Hydrogen had a much greater destructive power than the bombs used by the United States in Japan in 1945. Three years later, the Soviet Union mastered this same technology. The arms race, together with the space race, produced news in all media communication and was represented aggressively in the cartoons.

## 5 FINAL CONSIDERATIONS

The polarizing role played by the Cold War is undeniable, which can be seen both in the cartoons and in the news that were published in Gazeta de Leopoldina, in the small section analyzed. Why the use of cartoons precisely in that year and not in subsequent or even previous years? This is a question that unfortunately we cannot answer just from analyzing the newspaper's content. But we can raise some hypotheses. One is that, that year, the editor and / or the directors of Gazeta de Leopoldina had access to the newspapers from which they removed the cartoons and reproduced them. The strategy was not adopted in the following year. For what reasons? Difficult to know since there are neither known press nor oral sources.

Doubt and the absence of answers are part of the historian's job, which does not detract from the research's merit. In the case study of Gazeta de Leopoldina, looking for an answer is, above all, an exercise in analysis that can lead to various possibilities and practices. For example, from the analysis of the journal, it was possible to develop a work that transits between macro and micro-history. The use of the journal as a source made it possible to go

from the general to the local, by bringing the debate about a global historical context to a small municipality in Minas Gerais.

By using *Gazeta* to analyze an aspect of the Cold War, from the cartoon, which was the Korean War, it was possible to identify speeches, conduct a research not only in a written document, but also, iconographic. The method of content analysis also opened up the possibility of using the study of journals as an instrument to teach general history relating it to local history. So many fields of study, and so many possibilities of use, demonstrate that the direction of historiography has changed and that, today, it is possible to make a story for everyone and for everyone.

The sources have also been given a new format. Journals, cartoons, cartoons, comics and caricatures are no longer just one aspect to be taken into account, but have become important sources, objects of research, that occupy the center of attention. We can make history from the journals and from the images contained therein without losing focus and quality.

## REFERENCES

BARBIERI, Daniele. **As linguagens dos quadrinhos**. São Paulo: Petrópolis, 2017.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/Editoria FGV, 1996.

BIAGI, Orivaldo Leme. **O imaginário e as guerras da imprensa**: estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coreia (1950-1953) e a Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1967-1973). Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP, 2001.

BELMONTE. **Caricatura dos tempos**. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

CHINEN, Nobu. **Aprenda e faça arte sequencial**: linguagem HQ conceitos básicos. São Paulo: Criativo, 2011.

COELHO, Pedro. História da Bomba de Hidrogênio. 2016. Available in: <https://www.engquimicasantosp.com.br/2016/01/historia-da-bomba-de-hidrogenio.html>. Access in: 20 nov. 2019.

**DICIONÁRIO de Ciências Sociais**. 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1987.

DOMINGUES, Joelma. **A propaganda capitalista e anticomunista**. Available in: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/propaganda-ideologica-da-guerra-fria/>. Access in: 22 nov. 2019

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 18 de abril de 1909, ano XV, n.01.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 19 de janeiro de 1938, n. 111.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 26 de julho de 1942, n. 29.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 14 de janeiro de 1951.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 04 de janeiro de 1951, n. 76.

**GAZETA de Leopoldina**, Leopoldina, 18 de janeiro de 1951, n. 77.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 22 de março de 1951, n. 94.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 22 de abril de 1951, n. 01.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 06 de maio de 1951, n. 03.

**GAZETA de Leopoldina**. Leopoldina, 29 de julho de 1951, n. 14.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v, 2, 2001.

HOBBSAWN, Erik J. **A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LUCHSHEV, E. M. **Soviet Antireligious Poster Collection of The State Museum The History of Religion**.-St. Petersburg: The State Museum The History of Religion, 2010.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MOTTA, **Rodrigo Patto Sá O anticomunismo nas pesquisas de opinião: Brasil, 1955-1964**. 2016. Available in: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/68817> . Access in: 19 nov. 2019

NETO, Hélio Franchini. A Política Externa Independente em ação: a Conferência de Punta del Este de 1962. **Revista Brasileira de Política Internacional**, n. 48, vol; 22, p. 129-151, 2005.

NEVES, Lucia Bastos Pereira das. Opinião Pública. *In*: FERES JUNIOR, João (Org.). **Léxico da História dos conceitos políticos do Brasil**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2014, p. 182-202.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **Leopoldina**: instrução, mito político e formação das elites na Zona da Mata Mineira (1895-1930). Leopoldina: Ed. Do Autor, 2011.

NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. A história política do Brasil por meio da charge (1950 – 1964). **Revista Temporis [ação]**, v.16 , n. 2, número especial, 2016, p.205-222. Available in: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/4657/3774>. Access in: 22 nov. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. 6ª ed. - Campinas: Ed UNICAMP, 2007.

PEDROSO, Rodrigo Aparecido de Araújo. Guerra Fria e anticomunismo nas histórias em quadrinhos do Capitão América de 1954. Niterói. *In*: **Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC**, 2014.

PEREIRA, Verónica de Gouveia. **Como o Paralelo 38 influenciou a geoestratégia da Península Coreana?**. Available in: [https://www.academia.edu/36293048/Paralelo\\_38](https://www.academia.edu/36293048/Paralelo_38) . Access in: 21 nov. 2019.

SANTOS, Nilza Maria Almeida, Nilza. **A imprensa em leopoldina (MG) entre 1879 e 1899**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2012.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa**: algumas considerações metodológicas. Projeto História. Volume 4, 1985. Available in: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410/8995>. Access in: 20 de jun. 2019.